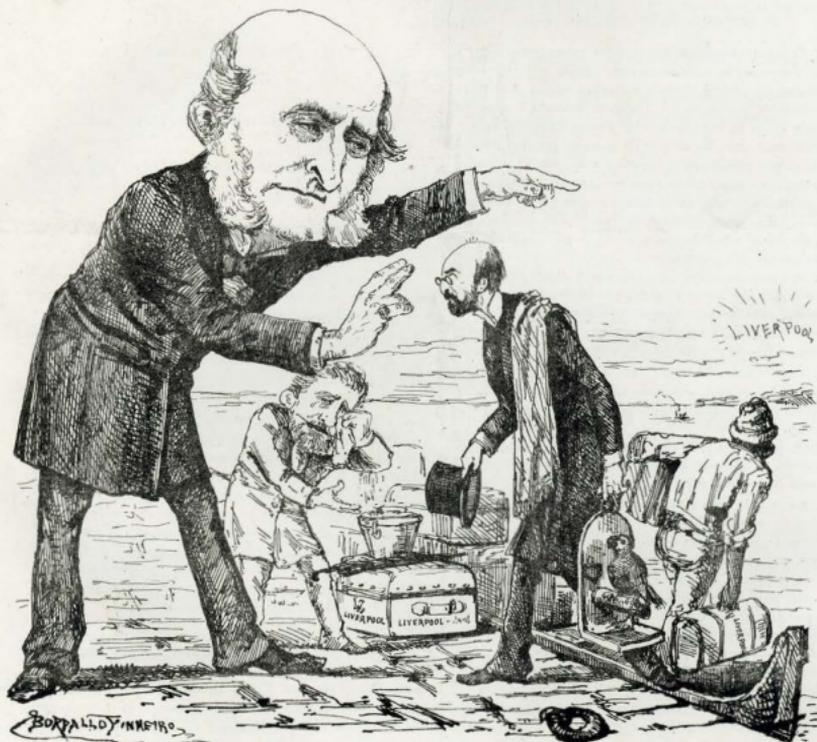


O Mosquito

REDACÇÃO 70 RUA DO OUIDOR 70



— Vai meu filho, vai, não tenhas receio. Trata bem do papagaio e deixa correr o marfim, que tens pai alcaide...



SR H. T.—O seu *Colono de Rhodes* é poesia de folego. Mande capinar os seus versos, que estão muito mais compridos uns do que outros.

SR A. C.—A culpa não é nossa. Queixe-se do correio, que ha de ganhar muito com isso.

D. H. R. J.—A tangente não é má; mas não está muito de accordo com a probidade.

SR J. M.—Tem razão, vá pregando aos peixinhos, que é tempo perdido.

A Sentença do Sr Andrade Pinto

O *Jornal do Commercio*, que ás vezes parece querer pagar á *Gazeta* innumeradas passadellas de perna quanto á antecendencia de noticias, deu-nos um d'estes dias, na sua entrega, a sentença do Sr Juiz de Direito do 8.^o Districto, Bacharel Castano de Andrade Pinto, sobre o caso das notas falsas de 200.000 rs.

Não houve quem deixasse de lér essa peça jurídica que duplamente recommendavam a importancia da questão e a reputação de feroz independencia que o Sr Andrade Pinto tem conquistado, á custa de affrontar bastantes seducções e de dizer bem numero de insolencias com sobrescripto aquelles que lhe não parecem de tempera igual á sua. Era pois considerado o Sr Pinto como uma garanta.

Para quem não compulsou o processo, é difficil julgar se a argumentação está bem estabelecida e se ás considerações postas na sentença não haveria que oppôr outras em sentido contrario. Fazendo cabedal pela sentença, o que parece é que se a defeza não deixou absolutamente provada a innocencia do accusado, a accusação não prova tambem, nem muito nem pouco, a sua culpabilidade. E aqui, como em todos os casos juridicos, do que principalmente deve tratar o juiz formador da culpa, é — de formar a culpa.

Ora a culpa forma-se, e o Sr Pinto bem o deve saber, pelos documentos do processo. E o Sr Pinto cingiu-se tanto aos documentos do processo que não só sentenciou o homem a quem a policia accusara, como até estendeu a sua sentença — ás testemunhas do processo — a respeito das quaes ninguém lhe havia perguntado quantos annos tinha.

Nós não pertencemos á nobre classe dos advogados—defensores do orphão e da viuva e de quantos tratantes se dignam honral-os com a sua confiança. Não temos, pois, laço nenhum que nos prenda á accusação ou á defeza. Que se faça justiça, eis o que queremos. E pela sentença, tal qual está, parece-nos que os *pendores* do relatório do Sr chefe de policia tiveram uma influencia, talvez involuntaria, na alma do Sr Pinto.

De facto, o estilo recombolesco que distingue todos os relatórios do Sr Calmon apparece, como decaído, nas conclusões e na linguagem da sentença, que faz a apreciação das *oleozarias* (sic), do caso T'Kint, da facilidade dos patrões, e outras cousas que o estimulam a fallar.

Mas deixemos isto, e a indiscrição com que gratuitamente se vem contar ao publico pormenores que podem lezar o credito de uma casa commercial, e mesmo o depoimento de quatro testemunhas que « não viram o Sr Fulano mecher nos maços de dinheiro de que era portador » testemunha a que podia tambem juntar-se o nosso, porque nós tambem o não vimos mecher n'elles.

Deixemos isso, porque o Sr Andrade Pinto préga uma doutrina engraçadissima, e vem a ser que a responsabilidade de um pagador não cessa desde que o receptor accitou, por hom, o dinheiro que aquelle lhe deu.

Não havia nada melhor. Todos os dias estaríamos todos nós sujeitos a reclamações, e como, pelos systemas aperfeiçoados, tanto se pôdem provar identidades como não identidades, ninguém que na sua vida tivesse tido a infelicidade de pegar em uma nota de mil reis, estaria ao abrigo de dar um passeio de mezes até á Detenção, se ainda depois não fosse mandado para Fernando de Noronha fazer estudos comparativos sobre os caranguejos, que os ha alli excellentes.

A chegada do Duque de Penthièvre.

NA FRAGATA VOLTA

Mal chegara Penthièvre e o doutor Martins deu ao senhor conde d'Eu noticia, que lhe solta o jubilo. E Martins, contudo, ao conde d'Eu deu noticia da *estida* e não lh'as deu da *Volta*.

Boh.

ODIO DE PADRE

O *Apostolo* de 18 do corrente, dando noticia do fallecimento da esposa do Sr Saldanha Marinho, grão-mestre do Oriente Unido, acompanha-a com as seguintes palavras:

« A mão da Providencia tem pesado ultimamente de um modo bem visivel sobre a familia d'aquelle *Conseheiro*.

« Que Deus Nosso Senhor o illumine, eis os nossos votos. »

Quando n'estas lutas de todos os dias succumbe um de nós, a bocca ás vezes foge-nos para a verdade e diz, referindo-se á vida publica do morto:

— Vamos com Deus, era um bom traste!

Mas no momento cruel em que as affeições de familia, as mais sagradas de todas, nos são violentamente roubadas; quando a porta do lar, tornado camara mortuaria, está aberta a todos que passam, franqueal-a para vir bradar em nome do martyr do Calvario: eis o castigo de Deus!—além de ser d'uma estuideoz pyramidal, é d'uma crueldade revoltante.

No dizer dos escriptores apostolicos-romanos, nós outros sómos uns tórpes follicularios, que nada respeitamos nem do divino nem do humano. Tórpes ou não tórpes, follicularios ou não follicularios, nenhum de nós aproveita as infelicidades domesticas dos nossos adversarios, para lhes dizer: abra o olho! o diabo, com quem fallamos á meia noite, já levou sua filha... abra o olho!

E' verdade que nós queremos apenas discutir idéas, emquanto que aquellos baluartes da religião precisam de atormentar-nos a alma, já que os *impíos* e pedreiros-livres lhes puzeram mão sacrilega na sagrada prerrogativa de nos atormentar o corpo.

M. Souto.

O BANQUETE DOS JORNALISTAS

OFFERECIDO A D. GUILHERME BLEST GANA

Não sei se houve *canard* no banquete Blest Gana, — da parte dos jornaes é um prato obrigado — mas consta que ao *menu* se foram com tal gana que até, dizem, ficou o *Apostolo* recheiado.

Bon.

JOCKEY CLUB

O programma para as corridas, que deviam effectuar-se no dia 18 e que foram transferidas para o dia 25 do corrente, é produção do Sr Dr Alencar Lima, 1º secretario interino da sociedade *Jockey Club*.

O programma, francamente, como impressão typographica, é abaixo de toda a critica; mas, em compensação, está todo cheio de erros.

Estas inexactidões têm feito *fumar* os jockey-clubistas e alguns cujos interesses ficavam lesados pelos enganos do Sr secretario, *vicam as estrelas*, como se lhes houvessem pisado o melhor dos seus callos.

Dizem por ahí alguns:—que, todas estas irregularidades do programma, tinham por fim, pôr em relevo as qualidades hylicas dos oucephalos do Sr Picot, para que S. S. os vendesse a peso de ouro; o que desde já tem um desmentido de nossa parte, pela confiança que depositamos na inteireza de caracter do Sr Dr Alencar e na dos cavallos do Sr Picot, que não precisam d'estas tricas, para subirem de valor.

Além d'isso, o Sr Picot não exerce a profissão de *alquilé*, e, como quanto seja conhecida a rude e sincera asperza que com trata os redactores e caixeiros do seu *Journal*, nem por isso se lhe pôde dizer que é o resultado de lidar com cavallos.

As supposições, pois, do publico são infundadas; e, nem o Sr Alexandre Riky tem razão de se *excomar*, nem o Sr Fleury de ir á *serva*, nem tão pouco o pseudonymo *Shame*, quando recommenda ao Sr secretario do Jockey Club que olhe para o que faz, quando assigna um papel.

O Sr Dr Alencar olhou para o programma e olhou com attenção; mas se não *descobriu* o engano, é porque não era de facto no programma que estava o erro.

A chave de todo este enigma, só a achou o Sr Teimoso, com o seu communicado, na *Gazeta de Noticias* do dia 21 do corrente.

A coisa é muito simples:—o Sr Dr Alencar Lima não é verado nas linguas estrangeiras.

Eis a causa dos erros do programma em questão.

O Sr secretario chegou-se á mangedoura do *Old Scratch*;—carteira de lembranças na mão e lapis atraz da orelha—e com ar distraído perguntou: o seu nome!—a sua idade!—nacionalidade!—casado ou solteiro!—sabe ler ou não!—etc.

E o *Old Scratch*, a toda esta estirada ladainha, meneava a cabeça e fazia: *hihihihihi*.

Este *hihihihi*, a fallar a verdade, com quanto fosse acompanhado de umas cortezias muito cheias de garbo e elegancia, não era, para que digamos, uma resposta lá muito clara e completa; mas o inquiridor percebeu o que lhe bastava; porque decidiu que o cavallo era nacional!

E o Sr Dr Alencar tinha razão:—todos os burros, cavallos, e eguas do paiz fazem—*hihihihi*!

Resolvida a duvida quanto ao *Old Scratch*, o Sr secretario voltou-se para o *Petrach*.

Mesmas perguntas, mesmas cortezias, por parte do cavallo já se sabe; mas em lugar do *hihihihi* sacramental, o *Petrach* fez simplesmente:

— *Brrrrrrr*!

O Sr Alencar afastou-se um bocadinho, limpou os *perdigotos* que por um vicio de educação o *Petrach* costuma a lancar quando faz o tal *brrrrrr*, e disse com os seus botões: « o diabo me leve se eu o percebo; mas emfim, na duvida, vai como cavallo do paiz! Sempre é mais uma gloria hylica nacional! »

E o Sr secretario teve ainda razão; porque, depois que o seu homonymo do Ceará, começou a *desengançar* onomatopeias novas para enriquecer a lingua portugueza, não ha meio de saber, se um som qualquer é uma palavra das *estranjas*, ou uma onomatopeia *reformista*, das do Sr Alencar, o *terried*!

Explicadas as causas que motivaram os erros do programma, parece-nos que nada têm os queixosos ainda que reclamar; e não levarão decreto a sua exigencia a ponto de quererem que o Sr secretario do Jockey Club, além de aprender o inglez, tenha tambem de aprender—*lingua de cavallo*!

Não faltava mais nada.

Aos que, por uma teimosia *astutina*, á declaração que o Sr Dr Alencar faz no *Journal*, de que de facto houve da sua parte engano, responderem: « que dos enganos vivem os *escrivões* » diremos:

— O Sr Alencar não é *escrivão*; é secretario.

ALFREDO RIANCO.

HABENT SUA FATA

João Censura é fiscal da CAIXA DOS DESCONTOS e da MUTUALIDADE, e da litteratura.

O' Deus! para fazer censura em tantos pontos já é preciso ter a bossa da censura!

Bon.

GALERIA THEATRAL

(QUINTA SERIE)

RETRATOS, ESBOÇOS E RESTAURAÇÕES

XX

JOANNA LUVINI

E' toda feita de ósso.
Mas de ósso muito magro e muito secco.
Vista de longe, parece lisa e pollida.
Examinada de perto, vê-se que é cheia de arabescos e rendados.

E' quasi uma filigrana.
Parece um agulheiro, d'esses de tarracha, que se encontram nos taloleiros dos mascates italianos.

Parece, mas não é.
O que é realmente, não obstante a fórma, é um amuleto.
Foi achada nas catacumbas de Roma.
E trouxe-a de Italia um frade barbadinho, entre diversos bentinhos, rosarios e outros pendurcalhos que elle trazia consigo.

Por isso não pagou direitos de alfandega, como toda a coisa de frade.

E' quasi um contrabando.
Entre as virtudes que o frade lhe dava, attribuia-lhe a de deterreter as banhas ás pessoas gordas.

D'ahi o apêgo que lhe tem a Sra Helena Balsemão.
E a inveja que da Sra Balsemão tem o Nicolau Badaró.
E, portanto, de admirar que a redacção do *Apostolo* a não tomasse para seu uso privado.

Foi para emmagrecer que a actriz Ismenia mandou buscar-a ao Rio Grande.

Veiu, e não só emmagrecceu a actriz, como tambem emmagrecceu a empresa.

E', pois, uma sanguesuga, mas de ósso.
Posta no theatro, fez-se discipula da emprezaria.
Aprendeu tudo quanto esta sabia, e depois exclamou:

— *Ed anche io sono attrice!*
E desgrudou-se da actriz Ismenia.
Desde então é primeira dama.

Faz de ingenua, e de vez em quando deita sua galá dramatica.

Por emquando não é illustre, mas é illustrada já.
Escreve em prosa e escreve em verso.
E escreve com facilidade, sobretudo quando copia ou quando sabe de cór o que está escrevendo.

Actualmente trabalha com afínco em uma obra que ha de vir a lume brevemente.

Intitula-se esta obra—*os Serões de uma actriz*.
Dizem alguns intimos que estes *Serões* são plagiados.
Ha de ser calumnia, sem duvida. E' por causa do titulo, que o dizem.

Como actriz e como mulher, é extremamente modesta.
Só uma vaidade se lhe conhece:
E' querer que o seu pé seja maior que o da Sra Ignez.
Privadamente, é uma boa rapariga.

Mora em casa grande para poder accomodar muitos hospedes.

Dá jantares e dá ceias.
Nas quass ceias e nos quass jantares dá a comer, mas não come.

Falla macio e assucarado.
E isto para ir de accordo com a sua divisa: *Não é com o negro que se apanham moscas.*

Como artista, o seu futuro é o presente.
Como ósso, porém, seu futuro é diverso.

Ha de acabar torneada em algumas grossas de botões.

GRAYHUS.

C. M.

CONTRACTO DE IRRIGAÇÃO DAS NOVAS RUAS.

Sessão de 10 de Junho.

Chrystotomo e Thomaz, Barroso e Araujo Lima

dão a irrigação ao capitulo Martins.

Trinta contos, e o gado e as carroças em cima. . .

E' caro, mas é bom, e foi para bons-fins.

BoB.

O CORREIO DOS THEATROS

A mala d'esta semana vem um pouco leve; mas muito importante.

O nosso amigo Nicolau Ribeiro deitou peça, e para justificar aquelle magnifico desenho — *La Boule*, do sempre chorado Borgomanerio, foi tirar a sua 2.ª outra peça — *La Boule*.

A *Bisnaga* é pois duplamente filha da comedia franceza. Entendeu porém, o nosso amigo, que hoje é já conhecido pelo — *Homen da Bisnaga*, que devia supprimir alguma coisa da peça original e assim supprimi logo dois actos! E' uma imitação de metade da peça, que tem quatro actos, e nós entendemos que seria preferivel uma tradução da peça toda, visto que ella agradou.

Em todo caso a *Bisnaga* dá logar a meia duzia de gargalhadas francas e abertas, como essas da gente gorda, como o seu auctor.

A outra novidade da semana foi a *Petite Marie*, no Alcazar. Boa musica, bom desempenho por parte de Mile Henry da Renascença e Silva, e muito boa *mise en scène*. Tem sido tal o successo d'esta peça, que a Phenix, que se havia preparado para a apresentar, resolveu contractar a Sra Anna Costa para o papel que representa Mile Henry da Renascença etc.

Em uma das primeiras representações deu-se um qui-pro-qué que tem *pública*: Mile Henry atravessa toda a peça exclamando—*Raphael, mon Raphael!* O nosso amigo Boddallo Pinheiro, que além de se chamar Raphael tinha lá suas razões para suppôr que se tratava d'elle, no final d'um dos actos apresentou-se a Mile Henry, que teve o trabalho de explicar que as exclamações não eram para elle, mas para o Raphael da peça.

Que desapontamento!

TINOCO JUNIOR.

ESBOÇOS

Nas roças onde tenho estado, quasi que se não falla senão nas eleições futuras, no terço e nas qualificações feitas com auxilio da trapaça e desfeitas com o da trampolina. E' desde já a preocupação geral, tão geral que ainda ninguem teve a lembrança de promover uma manifestação ao *Diario do Rio*, que

entre dois artigos de fundo destinada a reduzir a pé as accções da *Reforma*, achou meio de encaixar um outro artigo, igualmente de fundo, combatendo os harpistas carcamanos que infestam as ruas da corte.

N'esse ponto a roça nada fica a dever á cidade. Em cada estacção da estrada de ferro encontra-se um homem com um quadro da sua lamentavel desgraça pendurado ao pescoço, e um realejo encostado á barriga, sanfoninando os ouvidos á gente e pedindo nickels. Juram elles que são cegos. E' possível. O que porém é indiscutivel é que dão vontade de ser surdo.

As victimas d'essas musicas deviam bem, a troco de novo artigo, uma ovação ao *Diario*, que na imprensa quotidiana assumiu a invejavel posição de — orgão contra os realejos.

Officias do mesmo officio! — não faltará quem diga. E se disser eu metto a viola no sacco, vendo agora o conego do *Apostolo* saltar á catanada ao seu collega eleito governador do bispado do Maranhão, uma especie de herege que além de ser Rosa-Cruz, é Veneravel de uma loja.

Porque ficou o *Apostolo* todo arripiado — por ser conego o tal padre Tavares, por ser rosa-cruz, ou por ser veneravel ?

As duas primeiras hypotheses tem seus *quês*, mas a ultima, essa deixa-as a uma distancia que no Prado é raridade haver cavallos que a ganhem, salvo quando correm sózinhos, como agora se vai tornando moda.

Tambem, isto de modas é assim mesmo, e muito ha de esperar aquelle que as quizer ver parar algum dia.

O nosso exercito, por exemplo, ainda agora mesmo adoptou umas barretinas, que nunca se viu uma coisa assim. Não são barretinas, são canecos; não são canecos, são torres. Palavra, quem inventou aquellas guaritas, ficou-lhe o juizo a arder.

Só se os taes monstros de coiro se destinam a abafar um pouco os assomos do nobre enthusiasmo com que os nossos tropas, desde a abolição da chibata se têm dedicado a reinar com os seus officias. Não sei lá que confianças estes lhes tem dado, mas é uma desgraça, á menor contrariedade, motim te valha.

Imagine-se pois o susto em que me vi uma noite, ao negar a um valente fuzileiro um nickel que me pedia — para comprar cigarros !

Tanto mais que se os urbanos acudissem, seria provavelmente para me sovarem, como ha dias fizeram na rua dos Invalidos, a um fulano com quem tinham rixa velha.

Apezar de não acreditar no espiritismo, eu já sabia que nos urbanos ás vezes actuam os *espíritos batedores* — mas batedores... de outra fórma.

Mas bater — pancada... quanto mais se vive mais se aprende.

N'estas coisas a vida é um verdadeiro Methodo Hudson, com a vantagem para as almas timoratas de não ser distribuido pela maçonaria. E' verdade que não é instantaneo, e não poderia ser aproveitado para instruir um fulano qualquer que nos viesse agora explicar as co-relações existentes entre a nomeação do Sr Paranhos Filho para consul em Liverpool, e o tão cantado desinteresse da fallecida Nação, que o dito Sr redigia — dizem, eu nunca vi.

O *Figaro*, semanario cheio de dedicacão e benjoin, estáo um *Te-Deum* a proposito das immensas qualidades do Sr Paranhos. Mas, ó *Figaro*, justamente onde havia a louval-o mais, é que o foste defender como se fosse um criminoso.

O Sr Paranhos levou a sua superioridade até ao extremo de ser deputado sete annos e jámais ter pedido a palavra, mesmo para simples apertes. E é para esta louval sobriedade que o nosso collega requer indulgencia ! Que faria elle então se o *notavel orador* nos gratificasse com discursos do duas horas n'aquella toada soturna do Sr Ferreira Vianna !

Valha a verdade, a qualquer penetração estava patente que se o Sr Paranhos não fallava, é porque se estava reservando para grandes coisas. Agora ahi se está vendo.

E' o mesmo, o *Figaro* deixou no tinteiro a mais bella qualidade consular do Sr Paranhos, que é ser filho do Sr seu pai.

E faz elle muito bem.

Porque cá n'este mundo, sem pai ou padrinho, nada feito. E esta opinão é partilhada pela empresa lyrica do Sr Lemli, que depois de ter dado a preferencia ao theatro de S. Pedro, escolheu para a sua estrá a noite de S. João, commendando-se d'esta fórma aos mais influentes santos da corte do céo.

Ande lá, seu Lemli, que com esta minha observação arranji-lhe a freguezia dos carolas, para quem a arte adquire novo valor se a intenção é santa.

Agora veja se consegue fazer acreditar ao ministerio que o espectaculo é commemorativo da sua ascenção ao poder, que foi pelo S. João do anno passado.

Data feliz, e como desde então as nossas coisas têm progredido !...

Especialmente os nossos embarços financeiros.

Fôra o mais que eu não quero contar.

O que porém eu nunca esperai, nem o meu revisor tampouco, é que estes Srs ministros fossem capazes de me levar a fazer causa commum com o *Apostolo*. Pois levaram.

Com o tal admiamento da lei de conscripcão, que nos entrega amarrados de pés e mãos aos recrutadores, o *Apostolo*, escamado por lhe terem querido recrutar um padre, saltou de lá com uma sarabanda, que por um triz me não suffoca — de prazer.

Encontrar no *Apostolo* phrases d'estas :

* Para encher o thesouro succedem-se os avisos, regulamentos e portarias, mas para assegurar a liberdade do cidadão, tudo são duvidas, protelacões e transferencias, porque essa liberdade é um freio ao arbitrio do governo. *

Ao lêr isto, a minha vontade foi deitar a correr e ir-lhe dar um grande abraço. Mutei porem, de idéa, ao considerar que, sendo o *Apostolo* enormemente gordo, mesmo andando eu ligeiro como o Imperial Viajante, em um dia inteiro não conseguiria abraçal-o todo.

Bon.



Por um olho a PETITE MARIEÉ, pelo outro a BISNAGA. Bravo! Bravissimo!!